

a descrição do português culto

Ataliba T. de Castilho

(Faculdade de Filosofia de Marília —
Estado de São Paulo)

Entende-se por português falado culto a variante lingüística praticada pelo contingente populacional com escolarização secundária no mínimo, com acesso aos meios de comunicação e com possibilidades de exercer alguma influência na comunidade, em decorrência de sua ocupação: professores, funcionários públicos, profissionais liberais, etc. O português falado culto pode variar de acôrdo com a atitude de maior ou menor formalidade do falante, e assim temos o português culto esmerado (ou tenso) e o familiar (ou distenso).

Há muito se reclamam estudos mais acurados dessa variante, entre outras razões porque a partir de sua descrição poderíamos depreender normas de correção lingüística mais conformes à nossa realidade. Não será necessário lembrar aqui o tom classicizante de nossas gramáticas, em geral "códigos de impedimentos ao uso dos meios expressivos de que nos servimos na fala corrente"¹.

Também o espanhol americano é escassamente conhecido, e esta foi a motivação que levou Juan M. Lope Blanch, do Colégio do México, a preparar o "Proyecto de Estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica"². Lembra ainda o Prof. Lope Blanch em reforço de seu plano a grande concentração de habitantes nas áreas urbanas (em Buenos Aires, por exemplo, reside um terço da nação argentina) e o fato de constituírem as cidades importantes focos de irradiação lingüística.

O projeto de Lope Blanch consiste na gravação de exemplares da fala urbana, cujos aspectos fônicos, gramaticais e léxicos serão descritos

por equipes de pesquisadores. Ele apresentou esse projeto à Comissão de Linguística e Dialectologia Iberoamericana, CLDI, do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas, PILEI, por ocasião de uma das reuniões desse organismo, fundado em 1963, tendo conseguido despertar o interesse de grande parte dos lingüistas latino-americanos, como adiante se verá. A "Oficina Internacional de Información y Observación del Español", OFINES, patrocinou a primeira reunião de especialistas para o estudo do projeto (Madri, 24 a 29 de outubro de 1966)⁶; a segunda reunião, convocada para o exame do guia-questionário que servirá de base à descrição (que se deseja uniforme, para permitir comparações posteriores), foi realizada em Bogotá, de 29 de maio a 3 de junho de 1967⁷.

O plano inicial previa apenas o estudo das principais cidades latino-americanas, mas a partir da reunião de Madri incluíram-se também Barcelona e Madri. Nova ampliação de interesses ocorreu quando se levantou a hipótese de o português integrar o projeto, tendo-se encomendado a Nelson Rossi um relatório sobre as possibilidades brasileiras. Esse relatório foi apresentado à CLDI durante o IV Simpósio do PILEI (México, janeiro de 1968); nele, o autor do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* considerou que o estudo da linguagem do Rio de Janeiro tão-somente não daria uma imagem completa do português culto do Brasil, e assim propôs que as pesquisas se realizassem em cidades com um mínimo de um milhão de habitantes, nomeadamente: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. Recomendou também que se escolhesse um Coordenador Geral Temporário, incumbido de indicar os responsáveis pelo trabalho nas cidades apontadas. O parecer de Nelson Rossi foi aprovado e o PILEI encarregou-o da coordenação do projeto no Brasil. No curso do ano de 1968 foram empreendidos os necessários contatos e obtidas as adesões, algumas das quais por escrito, com o que se organizou o seguinte quadro de responsáveis, designados finalmente por ocasião do V Simpósio do PILEI (São Paulo, 9 a 14 de janeiro de 1969): Porto Alegre, Albino de Bem Veiga; Rio de Janeiro, Celso Cunha⁸; São Paulo, Isaac N. Salum e o autor desta notícia; Salvador, Nelson Rossi; Recife, José Brasileiro Vilanova e José Lourenço de Lima. Não temos notícia do que se tenha feito em Portugal a respeito deste projeto.

Paralelamente aos esforços do PILEI, uma série de iniciativas confluía para a mesma direção; além das constantes manifestações em favor da descrição do português culto⁹, destaque-se a importante realização do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra que, sob a direção do Prof. José Gonçalo Herculano de Carvalho, convocou o I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea (Coimbra, 30 de abril a 7 de maio de 1967). Entre outros assuntos, debateu-se o problema da descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil e em Portugal⁷. Foram encarregados de relatar o tema os Profs. Aryon Dall'Igna Rodrigues e Brian Head; o primeiro relator definiu padrão lingüístico e lembrou que o assunto no Brasil tem sido tratado impressionisticamente, faltando estu-

dos que avaliem até que ponto o português do Rio de Janeiro constitui de fato um padrão aceito no país. Frisou o caráter arbitrário das normas gramaticais que ensinamos nas escolas ("comumente, o mesmo professor que ensina essa gramática não consegue observá-la em sua própria fala, nem mesmo na comunicação dentro de seu grupo profissional") e concluiu pela inexistência de um padrão falado de caráter geral, existindo diversos padrões regionais dessa espécie. Uma vez escolhido o método de descrição, aconselha que se principiem as investigações pelas capitais dos estados, usando-se um só documentador, que fará as gravações durante um período contínuo. O material assim recolhido será descrito pelos lingüistas, cabendo aos gramáticos a dedução das normas. Brian Head lembrou em seu relatório que para indicar a língua padrão de um país, tem-se selecionado normalmente a variedade de maior prestígio. Por se tratar de decisão muito delicada, a envolver em geral debates intermináveis, propõe que se contorne a dificuldade mediante a determinação do "sistema comum às principais variedades cultas".

Em suma, o enorme interesse suscitado na Linguística moderna pela língua falada, a necessidade de conhecermos com maior rigor o português culto falado no Brasil e o apoio que instituições e pessoas se dispõem a dispensar ao trabalho decorrente dessa indagação convergem para a solução do problema aqui estudado.

Vejamos agora com precisão maior o projeto de Lope Blanch, que é atualmente o que há de mais avançado em matéria de estudo da fala urbana.

Há três fases distintas na aplicação do projeto: recolha do material, elaboração de um guia-questionário, redação de monografias.

O material para análise será constituído de 400 horas de gravações elaboradas em cada cidade; no caso do espanhol serão estudadas as seguintes cidades, indicando-se entre parênteses o responsável: Bogotá (L. Flórez); México (J. Lope Blanch); Havana (H. López Morales e J. Matluck); Buenos Aires (Ana Maria Barrenechea e Carlos A. Ronchi Marchi); Lima (Miguel A. Ugarte Chamorro); Madri (Manuel Alvar, M. Criado de Val e A. Quilis); Santiago do Chile (Lidia Contreras de Rabanales e Ambrosio Rabanales); San Juan de Puerto Rico (Edwin Figueroa Berríos); Montevideu (José Pedro Rona).

Para as gravações serão selecionados 600 informantes entre homens e mulheres repartidos na mesma proporção e distribuídos pelas seguintes faixas etárias: primeira geração, informantes compreendidos entre 25 e 35 anos de idade, 30%; segunda geração: de 36 a 55 anos, 45%; terceira geração, de 56 anos em diante, 25%. É preciso que os informantes sejam filhos de falantes da língua; hajam residido na cidade pesquisada

durante pelo menos 3/4 de sua vida, tendo aí recebido instrução primária, secundária e universitária; caso hajam nascido em outra parte, devem ter mudado para a cidade aos cinco anos.

Quanto à natureza do assunto obedecer-se-á ao seguinte esquema: gravação secreta de um diálogo espontâneo: 10%; diálogo entre dois informantes: 40%; diálogo entre um ou dois informantes e o documentador: 40%; elocuições em atitudes formais (aulas, conferências, discursos — desde que não lidos): 10%.

As gravações devem ser identificadas com os seguintes dados do informante: nome, sexo, local de nascimento e data, tempo de residência na cidade, estudos, línguas e grau de conhecimento delas, leituras habituais, viagens, ocupação, local em que fez o serviço militar, nível cultural do pai, da mãe e do cônjuge.

A Universidade do Texas, por intermédio do Prof. J. Matluck, enviará fitas novas a cada uma das cidades participantes. Feitas as gravações, serão essas fitas imediatamente encaminhadas a Austin, encarregando-se a Universidade do Texas das transcrições em duplicatas de que enviará a totalidade para a cidade de origem, e ainda uma amostra de 100 horas para as cidades restantes. Em Austin e na Cidade do México haverá dois arquivos completos (isto é, arquivos das 400 horas de todas as cidades participantes); nas demais, formar-se-ão arquivos com as 100 horas das demais cidades além das 400 horas próprias. Deve-se acentuar que em Madri o trabalho de gravação está praticamente completo, sendo que em Buenos Aires recolheram-se 60 horas. Todas as entrevistas devem ser gravadas entre 1964 e 1970 de forma a refletirem o estado da língua num momento particular de sua história.

A elaboração do guia-questionário tem sido objeto de prolongadas reuniões, desde o encontro de Madri; dividiu-se inicialmente o trabalho por partes, na forma como segue: Fonética e Fonologia (H. López Morales, J. Matluck e A. Quilis); Categorias nominais: substantivo, adjetivo e pronomes, exceto o relativo (Ana Maria Barrenechea); Verbo (M. Criado de Val e Juan M. Lope Blanch); Advérbio e nexos, inclusive o pronome relativo (José Pedro Rona); Frase Nominal (Ana Maria Barrenechea); Frase Verbal (Lidia Contreras); Oração (Ambrosio Rabanales); Estruturas coloquiais e afetivas (M. Criado de Val); Léxico (Martha Hildebrandt, L. Flórez e Manuel Alvar). Os documentos então preparados foram examinados nas reuniões de Bogotá (1967) e México (1968), daqui resultando o *Questionario Provisional*, publicado em *off-set*. Eis o plano geral do guia:

1. Fonética e Fonologia (vogais, consoantes, supra-segmentos).
2. Morfossintaxe (Classes de Palavras: substantivo, adjetivo, artigo, pronome e numeral, verbo, advérbio e nexos; Frases: frase nominal, frase verbal; Oração e Período).
3. Léxico⁹.

O primeiro volume ora publicado não inclui a parte dedicada à frase, à oração e às estruturas coloquiais, ainda em estudo. Todo o guia vai ser agora revisto, prevendo-se para 1970 a edição tipográfica do

volume completo. Os responsáveis pelas cidades brasileiras deverão adaptar o questionário ao português, estando convocada para esse fim uma reunião em maio.

De posse das transcrições das fitas magnetofônicas e tendo como roteiro de pesquisa o guia-questionário principiará a terceira fase do projeto. Caberá agora às equipes das diferentes cidades preparar as diversas monografias cuja síntese será a descrição do espanhol e do português urbano culto. Algumas cidades, como Buenos Aires, já concluíram estudos preliminares.

No caso particular do Léxico, o guia-questionário formula perguntas bastante concretas cobrindo os seguintes campos: o corpo humano, a alimentação, o vestuário, a casa, a família, a vida social, a cidade, transportes e viagens, meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro, comércio exterior e política nacional, sindicatos e cooperativas, profissões e ofícios, dinheiro e finanças, instituições; o ensino e a igreja, meteorologia, o tempo cronológico, a terra, os vegetais e a agricultura, animais. Para a obtenção das respostas desta parte — e exclusivamente para ela — decidiu-se selecionar um mínimo de doze informantes, dois homens e duas mulheres pertencentes a cada uma das três gerações consideradas, submetendo-lhes as questões propostas.

A CLDI do PILEI resolveu publicar os estudos parciais derivados do projeto. Um Boletim Informativo a ser editado semestralmente divulgará esses trabalhos, além de notícias e informações sobre o andamento da pesquisa. O financiamento do projeto tem estado a cargo da Fundação Ford.

Apontemos, para concluir, as vantagens que hão de se seguir à aplicação desse plano ao estudo do português do Brasil.

Acreditamos que um decidido comprometimento com as tarefas do projeto implicará na renovação dos estudos lingüísticos no país. Com efeito, deve-se notar que a generalização do curso de Lingüística em nossas Faculdades de Letras não se fez acompanhar de uma melhoria do nível dos trabalhos dessa especialidade; continuaram, com algumas exceções, as pesquisas de perspectiva mais européia que brasileira, isto é, perseguiram-se alvos mais exequíveis em terras de tradição universitária mais sólida que a nossa. O resultado disto foi, na maior parte dos casos, um longo trilhar de caminhos já conhecidos. Mais recentemente nota-se uma estéril e prolongada discussão em torno das últimas novidades em matéria de teoria lingüística, numa época tão fecunda neste particular, do que tudo resulta novo adiamento de temas fundamentais e concretos como o da descrição do português em seus vários aspectos¹⁰.

De outro lado, se o projeto tiver entre nós o mesmo efeito que produziu na América Latina (lembre-se que a elaboração do guia-questionário representa uma experiência inédita de homogeneização de pos-

turas científicas, pois reuniu lingüistas das mais diversas orientações), teremos a benéfica imposição de um planejamento da pesquisa lingüística, representando ademais uma importante motivação para os trabalhos universitários de mestrado, doutoramento, etc. No caso particular de São Paulo temos para garantir esse planejamento toda uma infra-estrutura constituída pela Universidade de São Paulo e pelas cinco Faculdades de Letras do Estado, às quais, todavia, faltou até aqui o incentivo de uma ação comum; efetivamente, dentre o pessoal recrutado para preencher os cargos de regência nos cursos dos Institutos Isolados, poucos contavam com uma experiência anterior no magistério universitário, constituindo-se a maioria de recém-formados. Com relativa facilidade concedia-lhes o Governo do Estado o "Regime de Tempo Integral", exigindo deles um plano de pesquisas que era aprovado sem se verificar se correspondia a alguma necessidade atual, ou se atendia a alguma sistemática. Cuidados de resto justificáveis, se nos recordarmos de que tal regime é um investimento na pesquisa.

Em face dessa situação, começou cada professor a cumprir o plano de trabalhos que se impusera, lutando contra uma série de dificuldades: falta de informação bibliográfica, escassa orientação dados os vícios de nosso sistema universitário, ausência quase total de contatos com especialistas. Algumas escolas procuraram obviar este último mal através de iniciativas extracurriculares (cursos e conferências ministrados por professores brasileiros e estrangeiros de renome, especialmente convidados, viagens ao Exterior, edição de revistas que garantissem um intercâmbio de publicações, etc.). De qualquer forma, atividades inteiramente isoladas, afundando-se progressivamente os professores em suas áreas de especialização, o que só fez tornar mais agudo o isolamento em que todos andamos metidos.

Acreditamos que as Cadeiras de Língua Portuguesa, Lingüística e Filologia Românica das Faculdades de Letras do Estado deveriam unir-se em projetos comuns, pondo em execução um plano de aquisições bibliográficas em que se evitasse a dispersão dos poucos recursos disponíveis, e promovendo encontros periódicos que neutralizassem os efeitos danosos do isolamento referido.

Essa fusão de propósitos, necessariamente em torno de um projeto comum, será a melhor prova de maturidade que os órgãos governamentais e a comunidade esperam de seus núcleos universitários, a maior parte dos quais com mais de dez anos de vida. Há, portanto, todo um potencial de trabalho que devia ser melhor aproveitado.

E que benefícios trará a descrição do português culto contemporâneo?

O acervo documental levantado e as monografias que se lhe seguirão remeterão ao passado a fase atual de conhecimentos impressionistas de nossa realidade idiomática.

Tornar-se-á mais fácil aos gramáticos a dedução de uma norma gramatical válida para brasileiros, o que por certo implicará numa renovação do ensino do português no grau secundário. Evitar-se-ão os excessos hoje corriqueiros; serão correntes, por exemplo, as construções e flexões

irregulares e defectivas com que se martiriza o ginásiano? E as famosas listas de coletivos e de verbos indicativos de vozes de animais, constituirão necessidades reais na comunicação diária entre pessoas cultas?

É ainda sobre o conhecimento exato do português contemporâneo que os métodos de ensino de nossa língua a estrangeiros hão de assentar. Poderemos, enfim, estabelecer relações mais objetivas desta com outras variantes lingüísticas, quer culturais (língua popular, língua dos analfabetos), quer geográficas (contrastes e semelhanças entre o português americano e o europeu).

NOTAS:

1. Celso Cunha — *Uma Política do Idioma*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964, p. 23. Já anteriormente dissera A. Houaiss, *Sugestões para uma Política da Língua*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960, p. 73: "A realidade nua e crua é que, malgrado o número ponderável de estudos gramaticais, não sabemos efetivamente o que é e como é a língua portuguesa, sobretudo no Brasil, e assistimos estarecidos ao divórcio crescente entre a norma gramatical canônica e a criação literária viva."

2. *El Simposio de Bloomington*, Actas, informes y comunicaciones, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, pp. 255-266. Resenhámos esse livro no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 27-7-1968.

3. Já agora, "Proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica", *Español Actual* 9 (marzo de 1967), 17-21.

4. *Noticias Culturales* (Instituto Caro y Cuervo, Bogotá), 81 (octubre de 1967), 1-6.

5. Celso Cunha publicou recentemente um trabalho em que insiste no estudo dos falares urbanos, a que chama "dialetologia vertical": *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968, p. 58 e nota 119.

6. Além dos autores citados na nota 1, lembre-se Jean Roche — "A difusão da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro", *Revista de Portugal*, série A, Língua Portuguesa, 33 (1968), 435-446.

7. Veja-se nossa notícia "Conclusões do I Simpósio sobre a Língua Portuguesa Contemporânea", Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 10-6-1967.

8. *Cuestionario Provisional para el Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las principales ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica*, vol. I, México, Centro de Lingüística Hispánica de la Universidad Nacional Autónoma de México, e Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios del Colegio de México, 1968, 506 págs.

9. Apenas para dar uma idéia mais concreta de como foi redigido esse guia, transcrevemos a parte relativa à voz verbal, § 2.1.5.2.1, pág. 139:

2.1.5.2.1.1.1 Passiva com *ser* + particípio.

1. Vitalidade: "La noticia fue difundida por radio."

2. Concorrência com a forma pronominal: "La noticia se difundió rápidamente."

2.1.5.2.1.1.2 Concorrência "passiva pronominal — ativa impessoal".

1. Com verbos simples: "Se venden rosas :: Se vende rosas."

2. Em perífrases verbais (com verbo auxiliar): "Se podía :: podían plantar rosales," "Se suele :: suelen ver fantasmas," "Se tenía :: tenían que cortar las ramas."

2.1.5.2.1.1.3 Forma pronominal com agente expresso: "Se anunció por los embajadores la firma del tratado."

2.1.5.2.1.2 Ativa.

10. Sobre a implantação da Cadeira de Lingüística no Brasil, v. nossos trabalhos "A Reforma dos Cursos de Letras", *Alfa* (revista do Departamento de Letras da FFCL de Marília), 3 (março de 1963), 5-38; "Projeto (leia-se Anteprojeto) de Descrição do Português da Área Paulista", julho de 1968, exemplar mimeografado.